



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO-UFRPE
UNIDADE ACADÊMICA DE SERRA TALHADA-UAST
DEPARTAMENTO DE LETRAS

A IDENTIDADE EM CAIS DO SODRÉ TÉ SALAMANSA
(ABORDANDO PERSONAGENS E SUAS CONFORMIDADES)

Serra Talhada

2021

ERICA SORAIA SOARES DE LACERDA

**A IDENTIDADE EM CAIS DO SODRÉ TÉ SALAMANSA
(ABORDANDO PERSONAGENS E SUAS CONFORMIDADES)**

Monografia apresentada como Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura Plena em Letras, da Universidade Federal Rural de Pernambuco - Unidade Acadêmica de Serra Talhada. Professor orientador: Dr Nefatalin Gonçalves Neto

Serra Talhada

2021

Eliane da Silva (mestra - UFF)

Sandra Regina Marcelino Pinto (doutora - PUC-SP)

Nefatalin Gonçalves Neto (doutor- USP Serra Talhada2021)

Serra Talhada

2021

A IDENTIDADE EM CAIS DO SODRÉ TÉ SALAMANSA (ABORDANDO PERSONAGENS E SUAS CONFORMIDADES)

Erica Soraia Soares de LACERDA (UFRPE-UAST)

Nefatalin GONÇALVES NETO(UFRPE/USP)

RESUMO: Este trabalho tem por finalidade analisar os contos *Cais do Sodr e e Salamansa* da autora cabo-verdiana Orlanda Amarilis, dando ênfase a questão da identidade das personagens bem como os contextos sociais que as cercam. Para dar suporte a pesquisa tomamos como base o texto sobre Identidade cultural do multiculturalista Stuart Hall, bem como outros textos que d o luz para a questão do engajamento cultural e da formata o identitária nos escritos de Amarilis. A pesquisa não tem o intuito de justificar comportamentos, mas sim compreender forma es identitárias de acordo com estudos sobre o tema, apontando a inconstância que há em todos os indivíduos que compõe qualquer sociedade, seja ela organizada ou não.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade, Cabo Verde, Orlanda Amarílis, Saudade, Stuart Hall.

ABSTRACT: This work aims to analyze the stories *Cais do Sodr e and Salamansa* by Cape Verdean author Orlanda Amarilis, emphasizing the question of the identity of the characters as well as the social contexts that surround them. To support research, we take as a basis the text of the cultural identity of the scholar Stuart hall as well as other texts that give light to cultural engagement in Amarilis' writings. The research is not intended to justify behaviors, but rather to understand identity formations according to studies on the theme, pointing out the inconsistency that exists in all individuals that make up any society, whether organized or not.

KEYWORDS: Identity, Cabo Verde, Orlanda Amarillis, Miss, Stuart Hall.

Introdu o

Este trabalho tem por intuito realizar um recorte de dois dos sete contos que compõe o livro *Cais do Sodr e t  Salamansa* da autora cabo-verdiana Orlanda Amarílis Lopes Rodrigues Fernandes Ferreira. A escritora aborda em sua literatura (e principalmente no livro citado) traços do abandono da terra natal, saudade, emigra o, apagamentos culturais, dentre outras questões prementes. Por tais, importa-nos pensar, em primeiro momento, quem seja Orlanda e qual sua importância para Cabo Verde.

Em meio ao oceano Atlântico está localizado o Estado-arquip logo de Cabo Verde, próximo a Senegal. Possui uma popula o de 492.000 habitantes e   formado por um conjunto de dez ilhas as quais nove são povoadas, são elas: Santo Antão, São Vicente, São Nicolau, Sal, Santa Luzia, Boa Vista, Maio, Santiago, Fogo e Brava. Contando com uma

população jovem e desempregada, o país colonizado empurra os habitantes para a fuga da terra, que partem por dificuldades financeiras e também para fugir de ciclos de estiagem. O resultado desse processo é um número maior de cabo-verdianos fora do país que nele próprio, transformando o autoexílio em realidade premente.

Também foi palco para negociações de escravos chegados da África e mandados para a América do Sul. Povoando-se gradativamente, suas ilhas logo foram ganhando vida e tornando-se organizadas por questões sociais, políticas e estruturais dentre outros fatores que se encarregam de encaixar e agrupar os povos. Vale lembrar que Cabo Verde esteve sobre domínio do colonizador até 1975, o que culmina em uma independência e um passado extremamente jovens e que deixou sérias sequelas sociais e apagamentos culturais (como exemplo, podemos lembrar que Cabo Verde foi a única das “províncias” a não travarem a guerrilha pela independência). Essa conformação da precariedade nos mostra um povo não contestador, calmo, mais doméstico. Não tivemos, posteriormente a sua emancipação, investimentos estruturais mas sim uma forte evasão da terra motivados dentre tantas coisas, pelas difíceis condições climáticas das ilhas.

Em meio a esse cenário conflituoso surgem vozes inquietantes e contestadoras que se fazem ouvir pela expressão da arte, como exemplo de escritores que denunciam a precariedade e fragilidade que assolam os cabo-verdianos. Dentre os nomes existentes, temos a brilhante Orlanda Amarílis, que retrata em sua obra a esperança de guinada dos oprimidos.

Ativista Social, Orlanda Amarílis nasceu em 1924 em Assomanda, Cabo Verde. Edificou sua escrita com problemas que cercam os emigrantes cabo-verdianos que sofrem por preconceito racial, saudade da terra, dentre outras questões. A autora estudou em Mindelo, uma cidade localizada na ilha de São Vicente. Posteriormente, passou seis anos de sua vida na cidade de Goa, onde cursou um magistério e, alguns anos mais tarde, formou-se em ciências pedagógicas na cidade de Lisboa em Portugal. Militou pelo mundo por causas culturais como o *Apartheid*¹ e movimentos pela paz. Apontando as injustiças e denunciando as angústias que perseguem as minorias. Nesse sentido:

O sentido dos textos de Orlanda Amarílis amplia-se, pois abarca não só o universo de Cabo Verde, mas também a realidade da mulher africana de um modo mais geral. Há uma preocupação por parte da escritora com os problemas de sua terra natal, em iluminar a realidade cotidiana de mulheres que vivenciam experiências e dramas que fazem parte não só

¹ O Apartheid foi uma política de segregação social ocorrida na África do Sul entre 1948 e 1994, com a ascensão do Partido Nacional, cujo governo foi composto por uma minoria branca.

dos países africanos, mas, de uma forma mais abrangente, do mundo contemporâneo (BOTOSO, 2011, p. 62).

Casou com o escritor Manoel Ferreira o que lhe permitiu um acesso por meios intelectuais que não conhecia, aumentando seu leque de possibilidades e diversificando os temas problemáticos que abordava. Viajou pelo mundo participando de encontros culturais por isso não demorou para torna-se membro do movimento português contra o *apartheid*, também fazendo parte da Associação portuguesa de escritores (APE).

Deu início a sua carreira literária na Folha da Academia Certeza (São Vicente, 1944-1945) e seu primeiro exemplar foi intitulado “Acêrca da Mulher” e anos mais tarde também atuou na literatura-juvenil publicando três livros – eram eles: *Folha a folha* (Lisboa Editora, 1987), *Facécias e Peripécias* (Porto Editora, 1990) e *A Tartaruginha* (Instituto Camões/Centro Cultural Português Praia-Mindelo, 1997).

Para além de tais trabalhos, a escritora colaborou com a revista *Certeza* em 1944, quando os seus contos ganharam destaque e passaram a compor antologias da literatura de Cabo Verde. Sua obra é reconhecida e prestigiada pelo meio acadêmico, tornando-se objeto de várias pesquisas de abordagens das questões social, opressão feminina, pós-colonialismo e questões identitárias como é o caso desta pesquisa.

Orlanda Amarílis também publicou três livros adultos de enorme sucesso: *Cais do Sodrê té Salamansa* (1974), *Ilhéu dos pássaros* (1983) e *A casa dos mastros* (1989), nos quais, em geral, retrata a vida de mulheres – em sua maioria extremamente sós. Em *Ilhéu dos pássaros*, composto por contos e cujo título refere-se ao espaço – um ilhéu no município de São Vicente – entrelaça histórias diversas em um espaço de prisão e vivências, unindo a todas personagens em um todo coeso. Já em *Casa dos mastros* a história gira em torno das personagens que residem numa casa e pelas pessoas que circulam por lá. Com destaque para personagens femininas, os contos cabo-verdianos de Amarílis continuam a denunciar mazelas, dificuldades, saudades e solidão enfrentadas ao longo da vida, sobretudo na daqueles que são emigrantes. Em uma reflexão sobre sua escrita, Pires Laranjeira vai afirmar que:

As principais personagens são mulheres. Retratos de mulheres, às vezes. Outras, retratos de mulheres com paisagens ao fundo, lá ao longe, muito longe, no espaço e no tempo, contando histórias de vidas ou vidas sem história. Melhor: vidas vazias, vidas caindo no vazio (sem futuro, sem amor, sem trabalho, sem alegria) (LARANJEIRA, 1989, p. 9).

Em relação a *Cais do Sodré té Salamansa*, o livro nos remete uma viagem que começa em Cais do Sodré, uma estação de comboio em Portugal, espaço de passagem criado pelo colonizador e que muitas vezes serve de refúgio aos cabo-verdianos que saem em busca de uma vida melhor, um espaço de fuga, mas também de muitas dificuldades que resultam numa vida de saudades e amarguras. E vai até Salamansa, uma pequena vila na ilha de São Vicente, localizada em Cabo Verde. O retorno à pátria marcado pela saudade e também pelo descontentamento que acaba por desencadear o desejo de evadir-se novamente. Temos então escritos de saudade da terra natal e fios de esperança depositados na evasão do espaço – a mesma esperança que mantém os personagens na busca pela prosperidade tende a não os permitir cortar os laços com o passado, pois voltar para casa após alçarem voo ainda é um processo extremamente reconfortante.

Os contos presentes no livro são: Cais do Sodré, Nina, Rolando de Nha Concha, Desencanto, Esmola de Merca, Pôr-de-sol e, por último, Salamansa. Todos são histórias que seguem a o estilo saudoso que marca a escrita de Orlanda Amaríllis: narram a solidão dos emigrantes, atinam para os fatores externos sociais e culturais que compõem o cotidiano do indivíduo, mas sem esquecer do íntimo, do interno que habita dentro das casas e das questões básicas e não menos importantes enfrentadas diariamente na vida de homens e mulheres cabo-verdianos.

É importante ressaltar a rica linguagem que dá vida a belos detalhes dentro das histórias, temos então um português com mesclas de expressões crioulas que enriquecem ainda mais a obra com a sua regionalidade forte e original. Os contos que compõe o livro começam e terminam a viagem por esses espaços diaspóricos, e, para marcarmos como tal processo acontece, analisaremos recortes do primeiro e do último conto a fim de buscar possibilidades de entendimento dessa questão do lugar: da raiz ao topo, do amargo da partida ao reconforto da chegada.

Motes para leitura

No primeiro conto, Cais do Sodré, conhecemos o entrecho narrativo através de um narrador observador-onisciente que nos relata a espera de Andressa em uma estação, encontrando nesse lugar de tantas chegadas e partidas uma “patricia” de sua terra. No desenvolvimento da trama as duas conversam por um tempo e começam a surgir ideias nos pensamentos de Andressa que tomam cada vez mais espaço no conto; após trocas e reconhecimentos, as personagens alegram-se dado que sentem uma forte nostalgia, mas

também passam por um sentimento de saudade e tristeza motivada pelo mesmo quesito. Após tantos diálogos internos e pelejas sentimentais a narrativa finda pelas personagens seguindo por diferentes caminhos, mas partilhando de uma mesma bagagem sensorial. As inúmeras memórias da narrativa confirmam o sentimentalismo, sobretudo a saudade que é marco na literatura de Cabo Verde. As lembranças mostram apego a passados e afloram quando estimuladas por quaisquer sensações e experiências ligadas diretamente com o íntimo; logo temos a subjetividade das personagens enraizada na pátria e fixada no coração, por assim dizer.

Andressa, que se encontra na estação de comboio, reconhece a conterrânea de Cabo Verde que agora também reside em Portugal. O encontro nostálgico estabelece um diálogo saudoso no qual relembram e se reconhecem em histórias da terra natal que aconteceram há quinze anos. Andressa, neste momento, começa a sofrer de uma crise de identidade que se estabelece a medida em que ela se conecta com as memórias da pátria trazidas pela conversa com a conterrânea, mas, ao mesmo tempo, retoma um passado que nega, tendo em vista que não se reconhece mais como aquela que abandonou sua terra, muito menos com aquilo que deixou para trás.

A miséria e à impossibilidade de uma vida digna, obrigam os habitantes de Cabo Verde e de outras partes da África a saírem em busca de uma vida melhor. Andressa encontra-se nessa condição e vive um dilema – busca o contato com aqueles que vieram de sua terra, mas frustra-se, ao perceber que o passado não pode ser revivido (BOTOSO, 2011, p. 66).

A fuga da terra natal, segundo a narrativa, acontece por diversos fatores, tais como a busca por uma qualidade de vida melhor, formação acadêmica, oportunidade de emprego, dentre outros. Embora a saudade se faça presente, a necessidade de melhora torna-se maior. Dito isto, é notável que a migração tem como consequência diversas mudanças internas no indivíduo, bem como em sua identidade. Este processo de descobrimentos e adaptações pode ser doloroso e demorado, é um constante desprendimento de algo tão internalizado que os momentos de auto-renegar-se são frequentes nos pensamentos das personagens. Em Cais de Sodré temos, por exemplo:

[...] Sou mesmo dispatenta. Se eu era Andressa Silva. Andressa filha de nhô Toi Silva de Casa Madeira? Sim senhora, sou Andressa, sobrinha de nh'Ana, filha de nhô Toi. É sim. Mais conversa pã modequê? Ainda hei-de perder essas manias. Manias de dar trela a todo obiscareta da minha terra. Apareça-me pela frente seja quem for, não conheço, acabou-se (AMARILIS, 1991, p. 11).

O trecho citado reforça o impasse de Andressa com sua antiga versão e raízes que subjetivamente não lhe deixam sentir-se parte da sua nova “casa” e a negação ocorre como tentativa de ultrapassar essas barreiras e progredir em seu espaço e cultura atual. O firmamento do novo torna-se necessário para uma nova moldagem interna. Mas como alcançar essa nova identidade por assim dizer, sendo que ainda está ligada ao passado pátrio? essa é uma questão que Andressa ainda não conseguiu dissolver.

A fim de termos uma melhor visão de como isso se alicerça, amparamo-nos em Hall para refletir sobre a questão da identidade pós-moderna disposta no conto citado e em outro, que analisaremos a seguir. Passando à leitura de Hall, o teórico afirma:

A moldagem e a remoldagem de relações espaço-tempo no interior de diferentes sistemas de representação têm efeitos profundos sobre a forma como as identidades são localizadas e representadas (2006, p. 08).

Trata-se de ter a identidade representada por elementos físicos, afetivos e para aqueles que habitam em novos ambientes deixar o passado para trás é essencial para (re)conhecer-se no presente que por hora acontece num novo mundo. Em suma, o espaço físico em que estamos inseridos porta práticas sociais próprias e únicas que ajudam a moldar nossa identidade, o que proporciona a familiarização com o ambiente, mesmo que esse mude constantemente.

Segundo Hall, com o passar dos tempos, podemos observar o aparecimento de três concepções de identidade pelos quais os sujeitos acabaram por se encaixar: o sujeito do iluminismo, o sujeito sociológico e o sujeito pós-moderno. Parafraseando o teórico, o primeiro sujeito seria aquele dotado das capacidades da razão; o próprio “EU” em sua essência consistia unicamente em ter uma identidade. Tido também como concreto, do seu núcleo origina o próprio desenvolvimento o que não implica necessariamente um descentramento do eu e este permanece masculino e unificado. Sua presença se deu desde o nascimento da ideia de sujeito com os gregos e permaneceu como realidade até o surgimento do que conhecemos como modernidade nas Ciências Humanas, marcada pelas reflexões de Descartes.

O sujeito do Iluminismo estava baseado na pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de “razão”, de consciência e de ação, cujo centro consistia num núcleo interior, que emergia na primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo... (HALL, 2006, p. 10).

Temos, portanto, um indivíduo convicto, fechado, não influenciável, que adota e segue firmemente seus ideais os quais julga absolutos e corretos independente das situações, contextos, ou espaço nele inserido; um ser monolítico por natureza. Porém, com o passar do tempo e o advento da modernidade, começamos a constatar que esse sujeito centrado e unificado, firme e coeso é questionado quanto as possíveis mudanças e sofre influências daqueles que o cercam, tais como figuras importantes e estimadas que trazem consigo uma bagagem própria, exercendo dessa maneira novas concepções e óticas capazes de direcionar os indivíduos que dele partilhem o convívio social. Essa mudança constatada na questão da formação identitária do sujeito sofre mudanças e passamos a denominar esse ser que exala as complexidades de um novo mundo (o mundo moderno) de sujeito sociológico.

Este segundo sujeito abrange as influências do mundo moderno, deixando de lado a versão do “eu” como autossuficiente na construção da identidade individual de cada sujeito, ou seja, adicionando para sua construção as interações sociais por que passa. Ele exprime uma identidade que surge por meio das relações do Eu com a sociedade, mas mesmo assim mantém um núcleo – que seria sua essência, a qual ele chama de “eu real” – firmada na constante formação ocasionada pelo mundo pessoal e cultural exterior a ele. Para tanto:

De acordo com essa visão , que se tornou a concepção clássica da questão, a identidade é formada na “interação” entre o eu e a sociedade. O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior... (HALL, 2006, p. 11).

Logo dispomos de um sujeito que alinha-se ao seu espaço interno e ao mundo exterior. E nesse *mix* de concepções forma-se um eu de subjetividade composta também por espaços objetivos sociais, bem como por conceitos adquiridos no contexto em que está inserido.

por fim, com as mudanças cada vez mais velozes da contemporaneidade, vemos emergir seres que expressam um novo processo de composição identitária. Este baseia-se na ideia de que o sujeito, antes tido como estável, é desconstruído por diversas mudanças identitárias – às vezes contraditórias. Por fim, este terceiro sujeito é aquele que Hall considera como pós-moderno. Ele consiste em ter uma não identidade, ou melhor dizendo, uma identidade não fixa ou definitiva, antes estaria sempre a margem de mudanças conforme as demandas dos sistemas culturais que a ele estão envolvidos.

Esse sujeito pós-moderno é fruto do colapso estrutural e institucional desde o qual as nossas necessidades objetivas e subjetivas se tornam muito variáveis, complexas e,

portanto, frágeis no sentido de estarem em constante mobilidade. Esta mobilidade Hall chama de ““celebração móvel”” (HALL, 2006, p. 13). Como efeito dos diversos confrontos das culturas que nos rodeiam, e sejam elas de uma mesma nacionalidade, ou não, elas sempre serão estrangeiras.

Essa fragmentação de identidade, posta em prática em meio a vários momentos e espaços diferentes, revela a total instabilidade a qual o indivíduo passa ao longo da sua existência. Hall nos esclarece que:

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, a medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente (HALL, 2006, p. 13).

Trazendo tal reflexão para a realidade do conto em análise, temos que Andresa encontra-se em Portugal há mais de quinze anos. Contudo, esse tempo não foi suficiente para que seus conflitos internos se resolvessem e ela conseguisse uma boa relação com a terra. Há, em outros termos, um bloqueio causado pela saudade de Cabo Verde, o que é um complexo quando avaliado pela consciência da mulher que sabe que não poderá retornar e que nada seria como antes. Esse dilema entre guardar o amor à pátria e adaptar-se à terra estrangeira persegue sua formação individual:

Quando a conversa parece perder a importância, Andresa não quer mais prosseguir com Tanha, pois prefere esperar o próximo comboio. Isso permite interromper a conversa sobre os laços de sua origem para tentar esquecê-los, porém sua memória persiste em trazer-lhe outros episódios daquela época, como se o vazio e a intransigente saudade não a quisessem deixá-la. As recordações que se apoderam do pensamento da protagonista durante a viagem parecem funcionar como catarse para seus conflitos (GONGORA, 2011).

Andresa, como emigrante na terra do colonizador do seu povo, aparenta encaixar-se nos dois últimos grupos. Mas isso logo se desvanece. Se por ora ela parece ao leitor ser um sujeito sociológico (quando não se reconhece mais nas raízes de seus ancestrais), em verdade é um sujeito pós-moderno, pois se encaixa perfeitamente nessa vertente de construção, afinal seu não pertencimento a lugares de vida e experiência reverbera em sua identidade em diferentes tempos, espaços e situações. Assim, temos que.

O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos, em nossas identidades culturais tornou-se mais provisório, variável e problemático. Esse produz o sujeito pós-moderno, conceptualizado, como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente (HALL, 2006, p. 12)

Temos, por fim, Andressa a emergir para um novo mundo de possibilidades num espaço distinto, com novas moldagens, adquirindo olhares diferentes formada por concepções diferentes e levando tudo a um fluxo incessante de informações – reforçando, assim, sua instabilidade em várias áreas. A construção do eu como um indivíduo inserido numa sociedade que como qualquer outro organismo vivo, está sujeito a eternas mudanças. Também temos segundo Hall (2006, p. 10) que “a identidade costura o sujeito à estrutura”; ou seja, a moça não é como uma tela em branco, visto que antes habitava em uma estrutura diferente (colonizada) e é impossível não trazer consigo pendentes desavenças ao novo ambiente: o lugar do colonizador. Tal questão evidencia que:

Entre o exílio e a solidão, ela encontra em seus patrícios a solidariedade e a energia vital que a leva adiante, na esperança de que o futuro possa ser diferente, ainda que a nostalgia do passado vivido em solo africano nunca a abandone e a possibilidade de que consiga integrar-se e ser aceita pelos portugueses seja remota ou quase nula (BOTTOSO, 2011, p. 68).

A fragmentação da personagem, devido a influências dos mais variados segmentos tais como o espaço, o tempo, a sociedade, a cultura, a mudanças, as novas interações e as diferentes formas de crer e pensar – que a bombardeiam de informações todos os dias – constroem para Andressa uma identidade momentânea, moldada incessantemente, mas que também tem resquícios e conhecimentos de contextos do “seio maternal”, da terra pátria. Ou seja, elas resumem um conflito incessante no mais íntimo do “eu” de Andressa. Esse conflito subjetivo e particular não chega a um consenso definido, pois o sentimento de não pertencimento abrange a personagem como um todo e é impossível de ser solucionado, por isso seu silenciamento frente a todo e qualquer sinal de identificação com o passado. O que temos, na verdade, é uma fuga, pois o personagem não sabe lidar com essa nova realidade. Andressa segue...

Como figura inconstante que é, continua o movimento, as formações homogêneas que tendem a misturar o novo ao velho, o moderno ao antigo, o presente ao passado. Não há estagnação, como indivíduo mutável ela continua o trajeto sem conclusões pois isto são para os fechados e completos – tudo o que a personagem jamais contentaria.

Já na leitura de Salamansa temos um conto narrado um personagem, seguido diretamente pelas memórias joviais de Baltazar, que reconta as aventuras pela vila de pescadores (Salamansa) a qual era palco para seu romance com Linda, mas que também era palco de romances da moça com outros tantos rapazes. Narrando sem modéstia as qualidades e fineza da moça – as quais encantava e escandalizava a sociedade que

presenciava tudo com pudores e julgamentos cheios de “moral” e hipocrisia – Baltazar declara suas saudades e vontade de voltar ao momento recordado.

É importante frisar que o narrador protagonista revive suas memórias quando já está em fase adulta e isso nos traz uma visão mais amadurecida dos fatos, temos um sujeito num contexto diferente expondo seu passado, trazendo detalhes de momentos íntimos por meio de uma nova concepção – aquelas que em nós é despertada após muitos anos vividos, quando paramos com a afobação e euforia da juventude e damos espaço para um eu mais interessado na própria aprovação do que na aceitação social.

Há também que pensar se todas as afirmações e constatações desse personagem são verdadeiras, afinal, não temos a presença do outro que possa expor sua visão dos fatos e de mundo, causando certo silenciamento representativo da figura feminina nas relações sociais cabo-verdianas e bem expressas por meio da construção textual em análise.

Importa constatar que Baltazar, já em sua quase velhice, recorda-se em vários *flashes* de um romance que experienciou mas não concretizou com a prostituta Linda na rua do Covoquinho. Ora, devido à profissão de Linda, ela também mantinha relações com outros jovens moços das mais diferentes ordens sociais – o que impedia Baltazar de levar o seu sentimento adiante. Anos mais tarde, o jovem agora já é adulto, pega-se a pensar em Linda e indaga a sua empregada a respeito da moça. Durante essa indagação, aparentemente sem nexos, o personagem descobre que a empregada e seu antigo amor são parentes e lhe é dito que ela havia partido para São Tomé. Assim, no talhe e no corte preciso da narrativa, Amarílis vai soltando informações que exigem de seu leitor a reconstrução dos motivos de Baltazar e sua lembrança.

Nesse conto, as figuras femininas aparecem de modo fragilizado – são empregadas domésticas ou prostitutas –, mas também acabam por se tornarem emigrantes, repetindo o caótico contexto social de sua terra natal já explicitado na análise do conto anterior. As personagens todas parecem ver na fuga desse espaço enclausurador uma oportunidade de vida mais próspera. Ambas apresentam o desejo da mudança, da busca ao novo como algo promissor:

E que foi feito dela?”, “Da minha tia linda? Ela foi pô S. Tomé”. Antoninha remexe na fonalha do fogão com um ferro. “Eu também qualquer dia vou pô S. Tomé (AMARILIS, 1991, p. 80).

Enquanto as personagens femininas almejam a fuga do espaço, o homem também deseja a mudança afirmando para empregada: “Tenho de voltar para minha casa em São Paulo, ali mesmo pertinho em Cais de Sodré” (AMARILIS, 1991, p. 81). Porém, Baltazar

deseja e afirma a vontade do retorno a pátria e não de fuga e medo do irreconhecível. Assim, vemos como pelos silêncios do texto a questão de oposição identitária vai se formando. As identidades referidas não são iguais, apesar das aparente igualdade de vontades; também apresentam a inquietude, a inconstância, o real desejo do que sempre estar por vir.

Avaliando individualmente cada personagem, Baltasar é envolto de moralismos sociais e valores no qual está a tentar encaixar-se pois vivia um romance com a prostituta e lhe tinha amor. Com o decorrer da narrativa, saberemos que, mesmo casado, a personagem manteve os encontros e só acabou por rompê-los quando não pode mais engolir o ciúme por Linda (ao saber que servia a outros homens). Ao colocarmos em evidência que a história narrada são memórias de Baltasar, é importante ressaltar o desejo que ainda lhe consome, pois o memorialista afirma que em dias atuais ainda desejaria ter um encontro com Linda:

Acabou com ela de vez ao embarcar para o continente. Tantos anos! Formara-se, tinha os filhos criados, tornara-se um bom chefe de família e não querem lá ver? Era capaz de fazer alguma tolice se encontrasse a Linda de novo (AMARILIS, 1991, p. 81).

Temos aqui um exemplo do que, segundo Hall, poderíamos chamar de sujeito pós-moderno. Isso porque a personagem Baltasar, em outro momento da vida, deixou para trás os antigos valores que um dia lhe fizeram romper com a jovem e agora, em fase madura, continua a desejar um encontro, pois sua atual identidade e seus novos valores não mais lhe impedem o romance. Em outros termos, poderíamos afirmar, como Hall, que:

Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas (HALL, 2006, p. 13).

Baltasar desenvolve essa mudança inconstante pois, como bem demonstra o conto, no passado privou-se do romance devido ao seu estado civil e seu pensamento ético e moral como homem. Porém, anos mais tarde, ainda na mesma situação de chefe de família, seus desejos são outros – confirmando mais uma vez a inconstância da sua identidade. Poderia o homem ter-se rendido a emoção, quando admite um possível retorno do antigo romance, bem como ter entendido que a razão aos sérios perante o recomendado socialmente, é um preço que não vale a pena pagar? Não havendo possibilidade de afirmar piamente nada de conclusivo sobre o conto, refletimos somente que nele não existem

indivíduos imutáveis ou mesmo blindados por uma essencialidade cada de evitar tudo e todos que cercam-lhe. Baltazar é prova concreta disso.

Quando avaliamos Linda – que no conto ganha voz apenas nas memórias enamoradas de Baltazar – presenciamos narrações sobre uma jovem em uma profissão subjugada socialmente, mas que é descrita lindamente por um homem que, mesmo amando-a, não abandona seus moralismos. Mais que isso, graças a um padrão pré-estabelecido por normas e regras sociais, temos que o romance entre as duas personagens prejudicaria a imagem de Baltazar perante leis e figurações sociais. Por isso temos o interdito que, ao declarar o romance como algo proibido, romantiza a desvalorização da mulher, pois os encontros ocorriam mesmo às escuras e, aos olhos da hipocrisia, não seriam nada errados se perdurassem de tal forma.

Em outros termos, podemos afirmar que homens que mantem casos com prostitutas não causam estranhamento aos “homens de bem”, mas assumi-las em público já não condiz com o conceito de bons costumes. É por esse único motivo que Baltazar resolve prosseguir sua vida com outra mulher – uma moça de posição diferente de prostituta. Destarte, o protagonista torna-se chefe de família, continua a encontrar-se com Linda, mas isso não lhe tira a posição de socialmente bem aceito.

Se Baltazar, em sua fase adulta, é considerado um sujeito pós-moderno, temos Linda que já se encaixa nessa condição por adaptar-se ao contexto em que está inserida. A moça deveras sofreu influência do meio, motivada por tantos fatores, tais como emigração, preconceito, questões financeiras, etc. e, por conta disso, criou-se sua identidade móvel, adaptável, de resistência e perseverança, formada por situações e oportunidades que a cercam:

Linda andava descalça, o calcanhar muito liso, sempre esfregado com pedrinha do mar. Não os tinha rachados como muitas mulheres de pé-descalço, isso não. E fumava com uma elegância, senhores. De perna traçada, recostava-se à mesa escalavrada do quarto onde recebia os amigos, onde comia e onde ia para a cama com ele e com outros, atirando o fumo com o mesmo à vontade que mais tarde veio a encontrar nas frequentadoras das salas de chá aí ao subir do Chiado (AMARILIS, 1991, p. 81).

Esse não pertencimento ou firmamento de identidade, em que espaços e valores relatam a inconstância do sujeito em quaisquer segmentos que possam ser-lhes atribuídos, remetem para a inconsistência da existência humana. Ora, com tais reflexões podemos constatar que, nas narrativas analisadas, nada permanece, tudo se transforma.

Tendo em vista ciências, filosofias dentre tantas outras artimanhas que tentam conceituar e por assim, definir o homem, refletimos que simplesmente não há conceito concreto capaz de fazê-lo. Há apenas mudanças, razão e emoção, construção e desconstrução, seguidas de novos gostos e saberes, gerando múltiplos transtornos e alienações que modulam o sujeito por tantas formas que enumerá-las não cabe a esta modesta e resumida reflexão.

Enunciando personagens

Em meio às aparentes fendas cabo-verdiana e portuguesa, os contos analisados do referente trabalho apresentam personagens (em sua maioria mulheres) que merecem um realce no tocante a identidade e suas amplas nuances. E isso dá a elas uma posição de destaque por toda a trama.

Já foi ressaltado a majoritária presença de personagens femininas nos escritos de Amaríllis – isso por que as narrativas trazem problemas de ordem social então não há como tratar de tal assunto sem expor a realidade deturpada com que mulheres precisam lidar diariamente pelo simples fato de serem mulheres. Destarte, retomemos alguns desses fios para tentar compor melhor nossa argumentação de ora em diante. Começemos pela valorização incessante do que o homem produz e a sociedade patriarcal perpetua, aprova, aprimora e passemos pela subestimação das produções, *a priori*, femininas que muitas vezes são retratadas como menos interessantes e até mesmo superficiais. Logo, o social inferioriza, subestima e silencia. Para tal, a escritora inglesa Virginia Woolf nos esclarece em um ensaio intitulado de *Um teto para todos* (originalmente de 1928) que:

são os valores masculinos que prevalecem. Falando friamente, futebol e esportes são “importantes”; a adoração da moda, a compra de roupas, “trivial”. E esses valores são inevitavelmente transferidos da vida para a ficção. Este livro é importante, a crítica presume, porque trata da guerra. Este livro é insignificante porque trata dos sentimentos das mulheres na sala de pintura. Uma cena no campo de batalha é mais importante do que uma cena em uma loja – em todo lugar e de forma muito sutil, a diferença de valores persiste (2014, p.11).

Eis que nos deparamos com um curioso caso de alteração de valores tratando-se do gênero de quem realiza quaisquer ações ou simplesmente exerce sua existência como ser pensante é fruto de gerações baseadas no patriarcado que reproduzem nocividades a todos os indivíduos – tendo eles consciência ou não. Essa discussão também não caberia nesta

breve reflexão e sim, ocuparia laudas e mais laudas e nem assim chegaríamos a conclusões satisfatórias.

Adentremos nas linhas dos contos Cais do Sodré e Salamansa para podermos constatar como a sensibilidade de Orlanda Amarillis dá vida a personagens que personificam muito bem a desvalorização social sofrida por mulheres nos mais diferentes contextos e espaços, sejam eles sociais, públicos, privados ou mesmo essencialmente femininos.

No primeiro conto analisado, Cais do Sodré – no qual Andresa, personagem principal da trama, expressa-se poucas vezes num diálogo direto, em alto e bom tom – contenta-se em estabelecer monólogos, por diálogos internos sem exteriorizar seus anseios e angústias. Sua voz não ecoa, seus problemas não são ouvidos, mas abafados. A própria personagem recrimina seus pensamentos e entendemos assim as consequências do fatídico e severo aprisionamento em que viveu por todos os lugares em que esteve, bem como todas as mulheres, com um agravante de ser emigrante em terra estranha.

Naturalmente, Andresa sofre bombardeios de ordens culturais, com uma pluralidade de influências que atingem diretamente seu íntimo e, logo, a constante construção do seu ser. Além do mais há desejos involuntários, comuns ao ser humano de buscar torna-se parte de algo maior que lhe foge instintivamente do poder de escolha, é inato as ações de adequação ao meio em que se vive. Por essa leitura, obtemos a tese de que o indivíduo também tem sua identidade formada por “sentimento de pertencimento de realidades” e “conjunto de significados compartilhados” (CANCLINI, 1995; HALL, 2006; KELLNER, 2001; BAUMAN, 2005).

As mudanças oferecidas pelos deslocamentos e as quebras trazidas pela modernidade, quando internalizadas, fazem com que o ser também desenvolva um detrimento de si e, segundo Hall, isso seria uma “crise de identidade” na qual incessantes reflexões internas resultam na descentração do sujeito.

Partindo para Salamansa vamos nos deparar com um casal peculiar. Baltasar jovem, viril e moralista que vive um romance com uma moça desregrada e livre de profissão, prostituta. Respectivamente, analisemos Baltasar, aquele moço que não porta pudores as escuras quando sua diversão revela seus sentimentos despídos de preocupações morais. Em sua juventude o fato da amada ser prostituta não interferia nas noites de amores e bebedeiras partilhada pelos enamorados vila a fora. Porém impedia-o de trazer a amada às

claras, tornando público logo aos olhos recriminosos da sociedade (modelo de identidade adotado pela personagem).

Este sujeito revela o receio da exclusão ou inferiorização que sofreria se estivesse ligado a quem já ocupava um papel excludente, como o de uma prostituta. O conto comprova que os símbolos – tais como a profissão ou condição que o indivíduo ocupa na sociedade – estão diretamente ligados às classificações sociais. São fatores que somam na construção e manutenção identitária do *status quo*, e isso pode definir aqueles que são aceitos e renegados da forma social normativa. Woodward (2014, p. 14) explica que a condição simbólica é o meio pelo qual se dá sentido às práticas e relações sociais, definindo, assim, quem são os excluídos e os incluídos.

A partir disso temos que as identidades também servem para encaixar e localizar os sujeitos em um sistema que categoriza os indivíduos de acordo com os próprios critérios que variam de tempo, espaço, cultura etc. sendo estes justos ou não.

A personagem Linda, uma prostituta que morava na rua do covoquinho em Salamansa, que passara na vida de Baltazar há vinte anos atrás e que este não esquecera, pertence a um grupo excluído socialmente, o que traz consigo uma série de desvantagens, por assim dizer, de ordens materiais e até mesmo que implicam em possíveis boas relações com demais grupos. Essa indagação é exposta na narrativa quando Linda é vista por outros indivíduos de má forma, uma vez que o próprio “amado” finda o romance devido aos pudores que maldizem a condição da moça e que acabariam respingando na falsa identidade de Baltazar.

O conto já relata o julgamento social imposto por Baltazar a Linda na descrição de sua personagem pois quando o homem socialmente bem aceito relembra sobre a moça é dito em finas palavras que “Ninguém ignorava quem eram aquelas meninas da rua do Cavaquinho. Eram meninas de mau porte” (AMARÍLIS, 1991, p. 80). Linda já tem, antes de tentarmos medir suas qualidades e defeitos, o atributo de sua personalidade dada pelo senhorio da narrativa. Ela tem, segundo essa perspectiva, sua identidade como objeto que lhe categorizava em um grupo excluído: a jovem que andava descalço tocando violão, fazendo dos prazeres seu sustento, não oferecendo risco a sociedade, não cometendo infrações perante as leis, mas que infligia bons costumes populistas, desagradava o “certo” sofrendo represália moralista. Linda, então, torna-se um indivíduo subjugado e desvalorizado, as margens sociais.

Levando em consideração que nenhum ser é *tabula rasa*, supomos que Linda tem sua identidade (re)construída por diferentes fatores e situações que lhe trazem a posição atual, mas falta a esta voz e expressão. Sobretudo para Hall “identidades culturais provêm de alguma parte e, portanto, possuem histórias, sofrendo modificações constantes” (HALL, 1996, p. 69). É possível que outrora a posição social na qual a personagem é posta mude drasticamente, apenas pela variante da sua profissão. Ou seja, bastaria um cargo como professora por exemplo, para Linda agregar novas identidades e nessa inconstância passar de um grupo excluído para outro, dessa vez incluído na predominância social estabelecida e em vigor.

A mudança de profissão, por si só, não apagaria as vivências, experiências e lugares pelos quais Linda esteve, mas a categorização de outros grupos a observaria de modo unificado e sua aceitação social seria outra – mesmo que isso não altere em nada a essência do ser, partindo do pressuposto de que todo e qualquer individuo merece ser acolhido e respeitado em quaisquer contextos, independente de cargos, nacionalidade ou até cultura em que se baseia. Destarte, Linda mereceria um lugar pelo simples e incontestável fato de ser humana. Assim Hall nos esclarece que:

As identidades culturais são pontos de identificação, os pontos instáveis de identificação ou sutura, feitos no interior dos discursos da cultura e história. Não uma essência, mas um posicionamento. Onde haver sempre uma política da identidade, uma política de posição, que não conta com nenhuma garantia absoluta numa lei de origem sem problemas, transcendental (HALL, 1996, p. 70).

A pós-modernidade é pautada na inconstância, na mudança de valores, influências que permeiam sujeitos e estes absorvem conceitos que acabam por refletir no todo. Infelizmente a única constância observada nesse processo é o julgamento que se perpetua em todas as sociedades e interfere diretamente em vários segmentos no cotidiano de cada sujeito, como interferiu na vida de Linda e Baltasar.

Atando fios, costurando imagens

Retomando a ideia inicial de viagem que o título da recolha de contos de Amarílis propõe, temos que a viagem acometida no livro que começa em Cais do Sodré (espaço do colonizador) e vai até Salamansa (espaço do colonizado) tem nas linhas descritivas dos contos uma riqueza de detalhes que nos faz imaginar as belezas das estações de comboio, ruas, vilas, praias, em contraposição aos complexos e problemáticos quesitos sociais da

vida dos personagens – em sua maioria emigrantes que vêm na fuga a promessa do progresso e de uma vida melhor.

Essa contraposição estabelece o problema de cada personagem de modo distinto, carregando nas tintas o engajamento da escritora e denunciando as mazelas da sociedade cabo-verdiana. Essa busca por melhorias numa terra estrangeira traz consigo diversas mudanças culturais e de ordem social, o que remete a conflitos internos e até mesmo na formatação da própria identidade pois, quando inserido numa nova sociedade, o indivíduo há de receber influências diferentes daquelas que já o acompanhavam na terra natal, por exemplo.

É interessante notar que a autora, para marcar seu espaço identitário (também cambiável e flexível), também se vale da Oralitura em seus textos. Ou seja, marcas do dialeto próprio de Cabo Verde, reforçando traços culturais dentro da linguagem falada e, conseqüentemente, escrita. Há exemplo dos contos em análise neste trabalho que trazem em toda a narrativa marcas de oralidade, principalmente nos trechos que exaltam as belezas da ilha. Como bom exemplo, temos o trecho da cantiga cantarolada por uma das personagens em Salamansa no final da narrativa:

'm bá pâ Salamansa
 Oh, sô sabe ...
 'm bá rolá na areia
 Oh, sô sabe
 Oh menina colá na mi
 pá 'm podê brincá ma bô ... (AMARILIS, 1991, p. 82)

Logo, essas riquezas de expressões, bem como suas representações simbólicas, reforçam por meio dessa linguagem a resistência de uma nação ao processo de aculturação que sofrem os povos colonizados. Há ênfase, por parte da escritora, o anseio em manter viva parte de tantas tradições – como expressões da língua – que passam de indivíduo para indivíduo, perpetuando traços da originalidade de Cabo Verde até em sua vozes. É fato que cabo-verdianos conservam em si uma enorme saudosidade da terra, estando nela ou não. A extensão do oral par o escrito nada mais é que a consagração personificada da acessibilidade que a linguagem informal pode proporcionar.

A mescla entre oral e escrito, África e Europa, homem e mulher, se faz presente e expressa essa modalização pós-moderna sem centralidade identificadora, antes singrante e movediça. Mas, tentemos progredir no que diz respeito a liberdade do existir, do ser e pensar ser, respeitando o direito do individuo de personificar seus tantos *eus* sem censurar e/ou condenar, mas tentar conceber um sujeito em seu momento atual, composto por

fragmentos e sem totalidade capaz de ser expressa. Assim, poderíamos concluir sobre a impermanência eterna humana parafraseando Hall (1990) quando afirma que a identidade plenamente unificada, completa e segura é uma fantasia.

REFERÊNCIAS

- AMARÍLIS, Orlanda. *Cais do Sodré Té Salamansa*. Lisboa: Edições ALAC, 1991.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e Ambivalência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.
- BOTOSO, Altamir. Integração, exílio e solidão no conto “Cais do Sodré”, de Orlanda Amarílis. In: *Revista Ícone: Revista de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura*, Goiás, v. 8, n. 1, p. 1-12, dez./2011, disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/icone/article/view/5082>. Acesso em: 10 de set. de 2020.
- CANCLINI, Nestor G. *Consumidores & cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1995.
- GONGORA, Anderson, Possani. *Dois contos africanos de expressão portuguesa: Cais do Sodré de Orlanda Amarílis e Mestre Tamoda de Uanhenga Xitu*. In: XII Congresso Internacional da Abralic, Curitiba-Brasil, 2011, disponível em: <https://abralic.org.br/eventos/cong2011/AnaisOnline/resumos/TC0266-1.pdf>. Acesso em: 19 set. de 2020.
- HALL, Stuart. *A identidades cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomas Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 10 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- _____. Identidade cultural e diáspora. In: *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. Rio de Janeiro, IPHAN, 1996, p. 68-75.
- KELLNER, Douglas. *A cultura da mídia*. Trad. Ivone Castilho Benedetti. Bauru: Edusc, 2001.
- LARANJEIRA, Pires. Mulheres, Ilhas Desafortunadas (Prefácio). In: AMARILIS, Orlanda. *A Casa dos Mestros*. Linda-a-Velha: ALAC, 1989.
- WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. 14ª ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2014.
- WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. São Paulo: Tordesilhas, 2014.